

## Viagem arquivo: sonhe.programe.embarque

por Christine Mello

Provavelmente uma viagem seja um dos modos mais conhecidos para realizarmos deslocamentos e troca de experiências. Nela, encontramos inevitavelmente a perda de organização da rotina, a dissolução de um hábito. Ainda que uma viagem se converta em um clichê turístico e perca seu significado, pode qualificar-se como um processo em aberto, de natureza indeterminada. Mas como observar a existência de viagens em que a repetição de padrões implica anular todo e qualquer estranhamento?

Denise Agassi nos traz na instalação performática **Viagem arquivo** modos informes e estranhos de viajar: pela desconstrução de arquivos de viagem, que circulam pela internet (em plataformas como Flickr, Youtube, Freesound, Blogspot, entre outras). Para tanto, tem na indexação, no *taggeamento* e nos sistemas de busca um modo singular de produzir andanças, acessar pessoas, locais distantes e pontos cardeais.

O trabalho busca alterar a percepção do que é viajar hoje. Constituído como uma plataforma transmídia, articula rotas entre o espaço virtual, global, online (em que se vive a dimensão do arquivo) e o espaço físico, local, off-line (em que se vive a sensação da geolocalização). Nele, similaridades e diferenças dos resultados de busca - entre palavras, arquivos fotográficos, vídeos, sons, textos e direções geográficas - mostram planos de discursividade e indeterminação nas redes sociais.

A artista integra experiências contemporâneas com a net art. Um tipo de prática compartilhada em tempo real, que atravessa muitos códigos, afetos e culturas. Nela, a força do trabalho implica conexões aleatórias, o envolvimento de comunidades, a substituição da noção de sujeito individual por sujeito coletivo e conseqüentemente a dissolução tradicional da autoria. Implica uma dimensão pública de viagem.

Nas viagens que Denise Agassi propõe pelos arquivos em rede percebemos a demanda constante de registros e publicações online a que somos submetidos hoje. Damo-nos conta do quanto viajar significa recriar a lógica interna de um sonho coletivo, em que é difícil discernir atores e observadores, em que programamos percursos comuns, estamos em rede, sincronizados.

Encontramos aqui visualizações de uma viagem canibal, fruto principalmente do acúmulo de imagens e da superposição de experiências com *o outro*, em que temos acesso a um imaginário coletivo, a uma polifonia. Há também rastros, recordações e souvenirs, como estratégias de fixar memórias. Tendo como princípio novos modos de apropriação e processamento de banco de dados, a artista problematiza a viagem nos deslocamentos híbridos da rede, colocando-a em xeque, nos anos 2010, em relação a um presente efêmero, de caráter distópico.

Quanto mais condensadas as direções geográficas e os conteúdos, mais agudo e estranho é o contato. Nesse sentido, o trabalho transforma a natureza entrópica, saturada, banal e descartável dos arquivos que se deslocam hoje na internet em uma intensa troca de experiências, em uma verdadeira viagem. Nesse jogo criativo, a obra constitui uma tessitura, um palimpsesto, sob a forma de uma plataforma de embarque.

Em Denise Agassi, viajar é articular com o caos da rede. Para ela, os arquivos são exercícios de produção de diferença. O sujeito se estranha no interior deles. Não se trata de exaltar o elemento *kitsch*, muitas vezes neles existentes, mas explorar os modos de vida, as desorganizações do hábito, as errâncias e as associações narrativas que as *viagens-arquivos* conferem.